

OS USOS DE “VOCÊ” E “CÊ”
NA FALA POPULAR DE SALVADOR

Rosane Bispo dos Santos (UNEB)

rosane_ufba@outlook.com

Cristina dos Santos Carvalho (UNEB)

crystycarvalho@yahoo.com.br

RESUMO

Neste artigo, objetivamos investigar os usos do pronome VOCÊ e de sua variante CÊ na fala popular soteropolitana. No português brasileiro, os usos de VOCÊ e CÊ têm sido descritos sob as perspectivas da variação e/ou mudança linguística (ALVES, 1998; SOUSA, 2008; ROCHA, 2017 e outros). Assumindo ambas as perspectivas, fundamentamo-nos no Sociofuncionalismo (TAVARES, 2003; 2013; GORSKI; TAVARES, 2017 e outros), uma interface da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]) e o Funcionalismo Norte-americano, na linha da abordagem da gramaticalização (HOPPER, 1991; HOPPER; TRAUOGOTT, 2003 [1993]). Para a análise de VOCÊ e CÊ, utilizamos, como *corpus*, dezesseis entrevistas sociolinguísticas extraídas do acervo do Programa de Estudos sobre o Português Popular Falado de Salvador e consideramos as seguintes variáveis: sexo, faixa etária e escolaridade dos informantes e valores semântico-funcionais de VOCÊ/CÊ. Este estudo apresenta, em uma abordagem quali-quantitativa, os seguintes resultados preliminares: (i) VOCÊ é mais frequente do que a forma inovadora CÊ; (ii) a única variável selecionada pelo programa GoldVarb X foi sexo; (iii) há indícios de que o CÊ vem se comportando como clítico nos dados da fala popular soteropolitana.

Palavras-chave:

Gramaticalização. Sociofuncionalismo. VOCÊ/CÊ.

ABSTRACT

In this article, we aim to investigate the uses of the pronoun VOCÊ and its variant CÊ in popular Salvador's speech. In Brazilian Portuguese, the uses of VOCÊ and CÊ have been described under the perspective of linguistic variation and/or change (ALVES, 1998; SOUSA, 2008; ROCHA, 2017 and others). Assuming both perspectives, we are based on Sociofunctionalism (TAVARES, 2003; 2013; GORSKI; TAVARES, 2017), an interface from Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008 [1972]) and North American Functionalism, in line with the grammatical approach (HOPPER, 1991; HOPPER; TRAUOGOTT, 2003 [1993]). For the analysis of VOCÊ and CÊ, we used, as a *corpus*, sixteen sociolinguistic interviews extracted from the collection of the Program of Studies on Spoken Portuguese Popular in Salvador and we considered the following variables: gender, age and education level of the informants and semantic-functional values of VOCÊ / CÊ. This study presents, in a qualitative and quantitative approach, the following preliminary results: (i) VOCÊ are more frequent than the innovative form CÊ; (ii) the only variable selected by the GoldVarb X program was gender; (iii) there are indications that CÊ has been acting as a clitic in the data of the popular speech in Salvador.

Keywords:

Grammaticalization. Sociofuncionalism. VOCÊ/CÊ.

1. Introdução

No que concerne ao elenco pronominal referente à segunda pessoa, a tradição gramatical (ROCHA LIMA, 2020 [1957]; CUNHA; CINTRA, 2008; BECHARA, 2019 etc.) ainda valida as formas *tu* e *vós* como as únicas possíveis na língua portuguesa. As gramáticas descritivas (BAGNO, 2010; CASTILHO, 2019; PERINI, 2019, dentre outras), por se ampararem nos estudos sobre a língua em uso, consideram as variações e mudanças que ocorrem na realidade linguística dos falantes do português brasileiro. A esse respeito, notadamente, verificamos que, segundo a abordagem descritiva, uma configuração diferente no quadro dos pronomes: por exemplo, as formas *tu*, *você* (e as variantes *ocê* e *cê*) e *vocês* são apresentadas como pronomes em uso corrente. Sobre os pronomes pessoais, Castilho (2019) discorre que esses são suscetíveis a mudanças. De fato, as formas *você* e *cê* fazem parte desse percurso de transformações. Ainda sobre essa questão, Castilho (2019) aponta que a gramaticalização da forma de tratamento *Vossa Mercê*, um sintagma nominal que deu origem ao item *você*, promoveu alterações fonológicas, sintáticas e pragmáticas no português brasileiro, reorganizando o seu quadro de pronomes pessoais. Logo, asseveramos a relevância das investigações sobre a rota de mudança pelo qual os itens *você* e *cê* têm passado, especificamente, nos usos da fala popular soteropolitana.

Nos últimos anos, o tratamento dado aos pronomes pessoais (em especial, os de segunda pessoa do singular) tem sido revisto por muitos autores contemporâneos de distintos campos da linguística, mais precisamente, da Sociolinguística Variacionista (LOREGIAN-PENKAL; MENON, 2012; GUIMARÃES *et al.*, 2018, dentre outros) e da interface entre esse modelo teórico e o Funcionalismo norte-americano, o Sociofuncionalismo (SOUSA, 2008; ROCHA, 2017). Nessa interface, tem-se enfatizado, além da variação linguística, a gramaticalização: conforme advogam, entre outros, Heine, Claudi e Hünemeyer (1991) e Hopper e Traugott (2003 [1993]), um processo de mudança categorial, através do qual um item lexical passa a exercer funções gramaticais, ou um item já gramatical passa a exercer uma função mais gramatical, podendo adquirir na rota de mudança um esvaziamento semântico e ficar a serviço do discurso (MARTELOTTA, 2011). Nessa perspectiva, assumimos aqui a noção de gramática emergente (HOPPER, 1987) e entendemos a gramá-

tica como “o agregado maleável e internalizado das formações vindas da língua em uso” (BYBEE; HOPPER, 2001, p. 7).

Assim, neste artigo, à luz da abordagem sociofuncionalista, pretendemos analisar, na fala popular soteropolitana, os usos do pronome *você* e da forma inovadora *cê* na função de sujeito. Mais especificamente, investigamos esses usos sob as perspectivas da variação e gramaticalização.

Quanto às formas *você* e *cê*, podemos observar que, ao longo do tempo, o pronome *você* tem sido apontado como uma forma gramaticalizada do pronome de tratamento *Vossa Mercê* (usado para fazer referência à nobreza por volta dos séculos XV e XVI). Assim sendo, aventamos, neste trabalho, a hipótese de que o pronome *você* continua o seu processo de gramaticalização, dando origem à forma inovadora *cê*, que, atualmente, tem apresentado um comportamento semelhante à de um *clítico* no português brasileiro.

No que se refere à metodologia da pesquisa, adotamos pressupostos metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]) na análise dos dados, em um viés quali-quantitativo. Como *corpus*, selecionamos 16 inquéritos extraídos do banco de dados do Português Popular Falado de Salvador (PEPP), com a finalidade de contribuirmos com a descrição de fenômenos linguísticos – principalmente, aqueles referentes aos usos dos pronomes de segunda pessoa do singular – na fala popular soteropolitana.

O presente artigo, além desta introdução, é composto de três seções. Na seção 2, tratamos dos fundamentos do teórico-metodológicos do Sociofuncionalismo, com ênfase nos processos de variação e mudança via gramaticalização. Na seção 3, apresentamos uma análise qualitativa dos dezesseis inquéritos do PEPP. Na seção 4, discutimos os resultados quantitativos de oito desses dezesseis inquéritos do PEPP, obtidos através do programa GoldVarb X, em relação às seguintes variáveis: sexo, faixa etária, escolaridade dos informantes e valores semântico-funcionais de *você/cê*. Por fim, expomos as considerações finais deste artigo e as referências.

2. Sociofuncionalismo: um casamento entre o Funcionalismo norte-americano e a Sociolinguística Variacionista

No cenário dos estudos linguísticos, o Sociofuncionalismo constitui uma abordagem teórico-metodológica que surge da interface entre postulados do Funcionalismo linguístico norte-americano (HOPPER: TRAUGOTT, 2003 [1993]; HOPPER, 1991) e da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]).

Os estudos linguísticos revelam que, a partir da década de 80, essa interface passou a motivar pesquisas voltadas para as análises das variações e mudanças que ocorrem no uso interativo da língua. Segundo Neves (1999), o termo Sociofuncionalismo surge no Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL/RJ), reorientando pesquisas que relacionavam os estudos de base funcionais (à luz da abordagem da gramaticalização) e o método quantitativo de analisar a variação e a mudança ocorridas no português brasileiro, sendo essa a observação das tendências de uso das variáveis como reflexo regularizador do ato de se comunicar.

Tavares (2013, p. 32) registra que “a variação está presente nos níveis mais profundos de representação gramatical, sendo, portanto, inerente à língua”, e esse é um dos pressupostos que permite a aproximação entre o Funcionalismo norte-americano e a Sociolinguística laboviana. Outro ponto comum, nos termos de Gorski e Tavares (2017, p. 35), tem a ver com o objeto de estudo de pesquisadores tanto sociolinguistas quanto funcionalistas: a língua em situação real de comunicação.

Nessa mesma direção, Tavares (2003) também cita características compartilhadas pela Sociolinguística e pelo Funcionalismo: (i) priorizar a língua em uso real; (ii) atestar a heterogeneidade da língua; (iii) centrar interesse na explicação das mudanças linguísticas; (iv) visualizar o processo de mudança linguística como gradual e contínua; (v) analisar os fatos de língua sobre a perspectiva sincrônica e diacrônica, de forma não dicotômica; (vi) considerar os fatores extralinguísticos; (vii) reconhecer o processo de gramaticalização nas línguas.

Sobre o Sociofuncionalismo, (PAIVA, 1998) afirma que esse modelo teórico:

[...] permite incorporar na análise de fenômenos gramaticais nuances semânticas das variantes e o pressuposto de que a forma linguística sofre restrições impostas pela necessidade de adequação discursiva e pragmática. Faz ressaltar, assim, a importância de aspectos textuais (como distri-

buição de informação), interacionais e cognitivos (como iconicidade) na distribuição das formas linguísticas. (PAIVA, 1998, p. 91-2).

A análise de Paiva (1998) ressalta a importância de refletir sobre os fatores semânticos e pragmáticos que influenciam a língua em uso. Ainda sobre essa questão, Gorski e Tavares (2017) advogam que a Sociolinguística Variacionista tem recorrido à gramaticalização para traçar explicações sobre os processos de variação e mudança gramatical. Nessa perspectiva, gramaticalização é conceituada como um processo de mudança linguística unidirecional, através do qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, “passam a assumir funções gramaticais, e uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais” (MARTELOTTA, 2011, p. 92).

Sobre a relação entre variação e mudança linguísticas na Sociolinguística Variacionista e Funcionalismo norte-americano, no que diz respeito à gramaticalização, Rocha (2017) explica essa relação da seguinte forma:

[...] na Sociolinguística Variacionista, percebemos, primeiramente, que há um estágio de variação e que, posteriormente, caso uma forma suplante a(s) outra(s), dá-se a mudança linguística; por outro lado, ao ancorarmos no Funcionalismo Norte-Americano, a leitura é feita por outra ótica, afinal, há, a priori, uma mudança linguística licenciada pela gramaticalização e, a posteriori, a percepção de um estágio de variação, visto que formas inovadoras, que são frutos da gramaticalização, passam, também, a codificar dados valores que já eram codificados por formas mais conservadoras, estabelecendo-se, assim, a variação linguística. Diante disso, cabe-nos, em poucas palavras, afirmar que, se por um lado, o gatilho, na Sociolinguística, é disparado a partir da variação linguística; por outro lado, no Funcionalismo, ele se dá na mudança. (ROCHA, 2017, p. 89)

A interface variação-gramaticalização envolve, pois, contribuições mútuas às duas vertentes teóricas em diálogo e, nesse caso, representa o tratamento da variação linguística com subsídios vindos da gramaticalização (GORSKI; TAVARES, 2017, p. 35). Nessas bases teórico-metodológicas, têm se apresentado os estudos mais atuais para traçar hipóteses e explicar as motivações das mudanças observadas nas línguas humanas. A esse respeito, May (2009, p. 72) salienta que a abordagem sociofuncional se torna uma perspectiva viável de pesquisa que, em seu hibridismo, possibilita ao investigador um outro olhar teórico-metodológico em relação ao objeto e objetivos de pesquisa. O autor ainda complementa que “as análises variacionistas tradicionais, ao alargarem o escopo de seu objeto, deram boas-vindas a questões, métodos e explicações funcionais, viabilizando o fazer sociofuncional” (MAY,

2009, p. 72). Convém também perceber a necessidade de o pesquisador sociofuncionalista conciliar, na análise dos dados, as abordagens quantitativa e qualitativa para explicar as regularidades dos processos de variação e mudança via gramaticalização.

Tavares (2003, p. 146) afirma que a interface variação-gramaticalização “envolve um movimento em direção ao funcionalismo, entendendo-se a gramática como emergente”; tal passo revela o ponto principal de convergência entre ambas as abordagens. Sobre a gramática emergente, Hopper (1991) explica que, ao longo do tempo e dos usos, formas linguísticas passam a emergir e se incorporar à gramática, seguindo, assim, um dos princípios configurados como camadas ou estratificação. A “estratificação é o resultado sincrônico da gramaticalização sucessiva de formas que contribuem para o mesmo domínio” (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 125). A partir desse princípio, Tavares (2003) advoga a emergência do casamento entre o Funcionalismo norte-americano e a Sociolinguística Variacionista.

É possível perceber que o Sociofuncionalismo, do seu surgimento até os dias atuais, tem se expandido como perspectiva teórica e vem se mostrando cada vez mais uma abordagem de análise tanto quantitativa quanto qualitativa dos fenômenos linguísticos em variação ou em via de mudança. Na próxima seção, apresentaremos, em um viés qualitativo, uma análise das formas *você* e *cê*.

3. Abordagem qualitativa dos usos de *você* e *cê* na fala popular soteropolitana

Nesta seção, faremos uma descrição do comportamento de *você* e *cê* na fala popular soteropolitana com base nas seguintes propriedades: (i) a função sintática de sujeito; (ii) a natureza semântico-funcional de *você* e *cê*; (iii) o número de sílabas da forma verbal relacionada a *você* e *cê*.

3.1. Função sintática de sujeito

Do ponto de vista sintático, Castilho (2019, p. 289) descreve que sujeito é uma constituinte com as seguintes propriedades: (i) é expresso por um sintagma nominal; (ii) advém habitualmente antes do verbo; (iii) é um determinante da concordância verbal; (iv) é pronominalizável pela 3ª pessoa; (v) pode ser omitido. Diante das características sintáticas do

sujeito, propomos, nesta análise, verificar, do ponto de vista morfossintático, o comportamento do pronome *você* e da forma inovadora *cê* na fala popular soteropolitana.

Nos dados de fala do português popular falado de Salvador, há ocorrências de *você* (01) e *cê* (02) na função de sujeito. Nesse caso, *você* ocorre em posição pré-verbal (01a) e pós-verbal (01b), enquanto a variante *cê*, apenas em posição pré-verbal (02).

(01) a. DOC: Alguma coisa que você não sabe explicar...

19: [...] “Mulher, mulher, eu quero o que é meu, **VOCÊ** está em meu terreno, **VOCÊ** fez a casa aí pra ... e não saiu, mulher” ... (superp). (PEPP, Informante 19, Mulher, 29 anos, nível fundamental, p. 170)

b. DOC: Em quê?

01: [...] as professoras não são assim como as que eram de antigamente, que antigamente a gente ia pro quadro, não era, a professora fazia a gente responder, “Venha, agora é **VOCÊ**, venha responder aqui” (PEPP, Informante 01, 68 anos, mulher, nível fundamental, p. 325)

(02) DOC: O que é que você fazia?

20: [...] Mas isso **CÊ** sabe como era, aquele tempo era uma coisa, hoje em dia, sabe como é, tudo totalmente diferente. (PEPP, Informante 20, 24 anos, homem, nível médio, p. 111).

No que se refere à função sintática de sujeito, alguns trabalhos como os de Vitral e Ramos (2006), Peres (2006), Sousa (2008) e Rocha (2017) revelam que a forma reduzida *cê* se comporta de forma preferencialmente fixa, anteposta ao verbo. Castilho (2019, p. 477) discorre que a variante *cê*, diferentemente de *você*, não funciona como complemento, conforme já apontado nos testes apresentados por Vitral e Ramos (2006).

Ainda sobre a análise da função de sujeito de uma sentença, Castilho (2019, p. 289) também aponta que o conceito de sujeito tem uma natureza tríplice, pois pode representar “o sujeito sintático, o sujeito discursivo e o sujeito semântico”. Essa observação é basilar para verificar o comportamento de *você* e *cê* segundo a sua natureza semântico-funcional (se determinado, se indeterminado) nos atos de fala, o que será apresentado na próxima seção.

3.2. A natureza semântico-funcional de *você* e *cê*: valor determinado e valor indeterminado

No que diz respeito aos estudos do pronome *você*, observamos que essa forma pronominal representa o valor linguístico da segunda pessoa do singular. Rocha Lima (2020 [1957], p. 156) descreve, em sua gramática, que a segunda pessoa do singular remete àquela com quem se fala, porém, notadamente, pronomes referentes a essa pessoa do discurso têm demonstrado um comportamento diferente do descrito na tradição gramatical.

Estudos linguísticos (SOUSA, 2008; ROCHA, 2017, dentre outros) têm mostrado que formas da segunda pessoa do discurso como *você* e *cê* vêm se deslocando semanticamente para indicarem, além de uma referência determinada (voltada para o interlocutor), um valor genérico (sentido indeterminado). Registramos esses usos de *você* (03), (05) e *cê* (04), (06) na fala popular soteropolitana.

(03) DOC: E tem que começar a preparar ele para adolescência que é uma fase difícil, não é?

37: [...] eu digo a ele: “Olha, **VOCEÊ** estude, entendeu? Porque, eu estou aqui hoje, vivo, mas posso não estar, **VOCEÊ** não tem sua mãe e aí, então **VOCEÊ** estude eu quero que **VOCEÊ** estude, **VOCEÊ** pode ter carro, mas eu quero que **VOCEÊ** estude”. (PEPP, Informante 37, homem, 51 anos, nível fundamental, p. 223)

(04) DOC: (superp) Já caminhando na (...inint...) Eu me lembro deste nome!

41: [...] O arco antes era... (inint)? Não sei se **CÊ** alcançou! Pra tomar o ônibus ali na Couto Maia. (PEPP, Informante 41, 68 anos, mulher, nível-médio, p. 356)

(05) DOC: Então você acha que..

34: Por onde **VOCEÊ** entrava **VOCEÊ** tinha que sair, **VOCEÊ** entrava pela, pela BR trezentos e vinte e quatro, voltava pra, pra ir pra, pela BR trezentos e vinte e quatro, hoje não, **VOCEÊ** aí, qualquer lugar **VOCEÊ** vai, está aqui agora, eu vou pra, pra não sei aonde, entro num beco desses aí e vai pro Rio Vermelho, vai pra Pituba, vai pra onde **VOCEÊ** quiser, então a Bahia progrediu muito. (PEPP, Informante 34, 66 anos, homem, nível-fundamental, p. 313)

(06) DOC: Nada. Era barro, né?

13: Era muito barro, né? Salvador se modernizou bastante, né? E as crianças hoje elas, **CÊ** não vê os meninos hoje pensar em brincar, normalmente os meninos hoje cheira cola, [...] hoje você vê ou a senhora vê assim um menino com nove anos, oito anos de idade já com a arma na cintura ame-

açando a própria sociedade e sendo ameaçado porque, na verdade, essas, essas crianças deveriam estar em um local eh, estudando, brincando, tinha que ter assim aquela noção de criança, talvez hoje de eu não ser o que as pessoas diria que eu seria, assim um vagabundo e tal, porque eu tive uma infância boa, e os meninos hoje entre aspas ele não tem essa infância, hoje em dia **CÊ** passa na rua malmente tudo bem que o esporte influencia, só o futebol, mas **CÊ** não vê um menino hoje correndo, par, participando de atletismo, eu já tive oportunidade também de participar de atletismo, já corri, já tive essa... (PEPP, Informante 13, 30 anos, homem, nívelmédio, p. 189-90)

Nos exemplos (03) e (04), verificamos que as formas *você* e *cê* são utilizadas pelo informante como um meio de se comunicar com um determinado interlocutor: o filho do informante (03) e o documentador (04). Em (05), o falante emprega *você* de forma indeterminada para explicar a modernização das vias urbanas em Salvador; em (06), usa *cê* com valor indeterminado para mostrar as consequências que a modernização de Salvador trouxe para o lazer e a prática de esporte das crianças. Em suma, nesses dois exemplos, os informantes utilizam as formas *você* e *cê* referindo-se a um sujeito genérico (indeterminado) e elas podem ser substituídas pelos itens *a gente*, *a pessoa*, *o indivíduo*. Efetivamente, supomos, nesses casos, um processo de mudança semântica, já que os itens *você* e *cê* passam a ter comportamento fora do seu campo referencial de significação.

Além do valor (in)determinado de *você* e *cê*, observamos as motivações de usos desses dois itens em decorrência da estrutura silábica das formas verbais a eles postostas.

3.3. Número de sílabas da forma verbal relacionada a *você* e *cê* no tempo

No que concerne ao número de sílabas da (primeira) forma verbal³⁷² atrelada a *você* e *cê*, a análise revela que o pronome *você* ocorre com formas verbais monossílabas (07), dissílabas (08), trissílabas (09) e polissílabas (10). Já a forma reduzida *cê* tende a ser mais utilizada com formas verbais monossílabas (11) e dissílabas (12).

(07) DOC: Tem que ter estímulo, né?

³⁷² *Você* e *cê* ocorreram não só com verbos em tempos simples, mas também em tempos compostos e em perífrases verbais. Nesses dois últimos casos, consideramos o número de sílabas da primeira forma verbal.

23: Tem que ter, então agora eu digo pô, *ocê* está mal nisso aqui, e aí, *ocê* diminuiu de, de, né, de produção, **VOCÊ tem** que melhorar e tal, nisso, vombora ver com a sua professora, então isso aí... (PEPP, Informante 23, Mulher, 34 anos, nívelmédio, p. 218)

(08) DOC: Alguma coisa que você não sabe explicar...

19: É, alguma coisa aqui oh, alguma coisa que ela fazia pra minha mãe, sei lá virar a cabeça pra ela sair de lá, porque ela brigava com L..., todo dia ela brigava: “Mulher, mulher, eu quero o que é meu, **VOCÊ está** em meu terreno, *ocê* fez a casa aí pra ... e não saiu, mulher”. [...] (PEPP, Informante 19, Mulher, 29 anos, nível fundamental, p. 170)

(09) DOC: Foi bom?

13: Foi muito bom pra mim, eu tive muita experiência, foi lá que eu aprendi a lidar com comércio diretamente, já tinha assim uma noção porque eu quando eu trabalhava na quitanda e quando eu vendia picolé **VO-CÊ adquire** uma noção mesmo que você não queira né, é como a própria linguagem fala, né? [...] (PEPP, Informante 13, 30 anos, homem, nível médio, p. 187)

(10) DOC: Então você era bonzinho, olhando por aí você defendia não é os outros.

13: [...] Mas, mas a questão de quando o mais forte vinha me bater, eu achava assim, oh, por eu não ser criado com o pai, eu achava que ele queria tomar o lugar de meu pai, se ele me batesse, naquele tempo era assim, era a lei do mais forte, se **VOCÊ apanhasse** de um menino *ocê* ia apanhar dele pelo resto de sua vida (PEPP, Informante 13, 30 anos, homem, nível médio, p. 198)

(11) DOC: É, os jovens, né?

20: [...] As agressões são frequentemente, **CÊ vê** pessoas de doze, treze, quatorze anos de idade ... se você brigar um com outro, antigamente apaziguava, deixava, dos outros dias, nos outros dias vocês eram amigos, hoje em dia não, estão querendo já partir para a violência, querer matar, fazer outras coisas mais aí eu... (superp). (PEPP, Informante 20, 24 anos, homem, nível médio, p. 110).

(12) DOC: Tem que ter estímulo, né?

23: Tem que ter, então agora eu digo pô, **CÊ está** mal nisso aqui, e aí, *ocê* diminuiu de, de, né, de produção, *ocê* tem que melhorar e tal, nisso, vombora ver com a sua professora, então isso aí... (PEPP, Informante 23, mulher, 34 anos, nível médio, p. 218)

Os dados revelam a seguinte tendência: o uso de formas verbais com maior número de sílabas parece motivara forma plena (*ocê*) e, inversamente, o emprego de verbos com o menor número de sílabas, a forma reduzida (*ocê*). Resultados semelhantes a essa observação podem ser vistos em Ferrari (2013). A referida autora, ao analisar o *corpus* de

fala espontânea do C-ORAL-BRASIL, percebe que a forma *cê*, em posição pré-verbal, se encaixa entre sílabas curtas (FERRARI, 2013).

A análise qualitativa aqui apresentada, com base nos exemplos supracitados, dá indícios do comportamento de *você* e *cê*, segundo alguns dos parâmetros escolhidos para compor esta pesquisa. Na próxima seção, mostraremos resultados da análise quantitativa de oito entrevistas do PEPP.

4. Análise quantitativa dos usos de *você* e *cê* na fala popular soteropolitana

Na pesquisa, na análise quantitativa dos dados, tomamos, como variável dependente, as formas de *você* e *cê* e consideramos, como variáveis independentes, os seguintes grupos de fatores: (i) natureza semântico-funcional de *você* e *cê* (variável linguística); (ii) sexo; (iii) escolaridade; (iv) faixa etária (variáveis extralinguísticas).

4.1. Análise geral dos dados

Na amostra examinada, houve um total de 177 ocorrências, das quais 106 foram de *você* e 71, de *cê* com a função sintática de sujeito, como mostra a tabela 1.

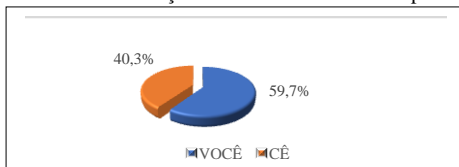
Tabela 1: Variação *você/cê* em Salvador – Análise geral dos dados.

Variantes	Dados/Total	%
<i>Você</i>	106/177	59,7%
<i>Cê</i>	71/177	40,3%

Elaborado pela autora.

Na tabela 1, podemos perceber que, com a função sintática de sujeito, a variante inovadora *cê* ocorre com um percentual menor (40,3%) do que a forma plena *você* (59,7%). Essa distribuição das formas *você* e *cê* pode ser melhor visualizada no Gráfico 1.

Gráfico 1: Distribuição de *você/cê* na fala soteropolitana.



Fonte: Elaborado pela autora.

Sobre a variante *cê*, muitos são os pesquisadores (VITRAL; RAMOS, 2006; SOUSA 2008; LOREGIAN-PENKAL; MENON, 2012; ROCHA, 2017) que se encontram interessados em explicar as motivações para seu uso, principalmente nessa função sintática. Esses pesquisadores têm verificado que a variante *cê* vem se comportando como um pronome pré-verbal quando assume a função de sujeito. Contudo, no que se refere a outras funções, complementos, adjuntos e outros, a forma *cê* tende a ser menos frequente e/ou ausente. Supõe-se, então, que *cê*, na posição fixa de sujeito pré-verbal, seria resultado de uma mudança categorial operada via gramaticalização, passando para um elemento clítico.

4.2. Variável linguística: natureza semântico-funcional de *você* e *cê*

Em Sousa (2008), o parâmetro *referência* é usado para tratar dos deslizamentos semânticos que o pronome *você* tem assumido na interação verbal entre falante e interlocutor. Sobre essa questão, a referida autora descreve que a forma *você* tende a ocupar três campos de referência: (i) P1 – *quando se refere a si em um relato*; (ii) P2 – *quando se refere ao interlocutor*; (iii) Genérico – *para um referente indeterminado*. Dias (2017), ao analisar a forma pronominal *você* em textos baianos dos séculos XX e XXI, percebeu, nas características de deslizamento semântico, uma estratégia usada pelo falante do PB, para indeterminar o sujeito.

Como veremos a seguir, nos dados de fala soteropolitana examinados, a variável natureza semântico-funcional (valor determinado e indeterminado) não foi considerada relevante pelo GoldVarb X para se fazer a distinção entre os usos de *você* e *cê*. Quanto a essa variável, na amostra, as formas *você* e *cê* apresentam os resultados expostos na tabela 2.

Tabela 2: Resultados sobre os usos das formas *você* e *cê* na fala soteropolitana segundo a natureza semântico-funcional.

Valor semântico-funcional	VOCE	CÊ	Total
Determinado	49 59,8%	33 40,2%	82
Indeterminado	56 58,6%	38 40,4%	94

Fonte: Elaborado pela autora.

Os dados da tabela 2 mostram que o falante soteropolitano vem utilizando mais o pronome *você* tanto como forma de determinação do sujeito (59,8%) quanto como estratégia de indeterminação do sujeito (58,6%), havendo uma diferença percentual de 1,2 % em favor de *você* determinado. Os resultados referentes à determinação do sujeito se aproximam dos achados de Rocha (2017), que examinou, na fala de Vitória da Conquista, os usos de *você* e de *cê* na função sintática de sujeito. O autor destaca que a natureza semântico-funcional da forma *você* revela-se produtiva nos usos voltados para o interlocutor, com 60% da frequência, ou seja, os falantes conquistenses têm usado o *você*, preferencialmente, na forma determinada.

4.2.1. Variáveis extralinguísticas na realização de *você* e *cê* no português de Salvador

Esta seção trata das variáveis extralinguísticas selecionadas (sexo) e não selecionadas (nível de escolaridade e faixa etária) pelo GoldVarb X.

4.2.1.1. Variável selecionada pelo GoldVarb X: sexo

Paiva (2017) levanta um questionamento a respeito da variável *sexo* nas línguas humanas, ou seja, “*homens e mulheres falam diferentemente?*”. Do ponto de vista fisiológico, há de se considerar que existem diferenças entre os dois gêneros, a exemplo: o timbre e a altura da voz. Desse modo, no campo linguístico, também é relevante verificar tal distinção (PAIVA, 2017).

Partindo do pressuposto de que o *sexo* influencia os usos linguísticos, neste estudo, observamos o condicionamento dessa variável na frequência de uso da forma variante *cê* na fala popular de Salvador, como mostra a tabela 3.

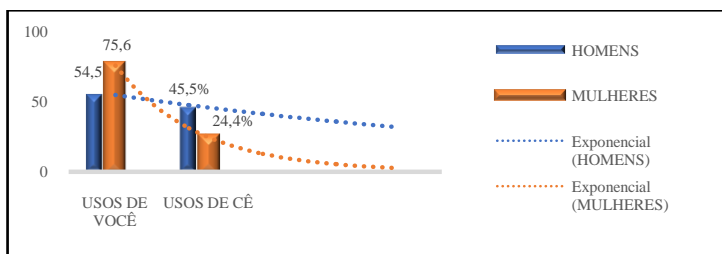
Tabela 3: Condicionamento da variável sexo para a realização de *CÊ* na fala soteropolitana.

Sexo	Dados/Totais	%	Peso relativo
Homem	60/132	45,5%	0,560
Mulher	11/45	24,4%	0,331

Fonte: Elaborado pela autora.

Ainda sobre os resultados, podemos verificar, por meio do peso relativo, que a variante *cê* é mais produtiva entre os falantes homens (0,560) e menos produtiva na fala das mulheres (0,331), o que mostra que as soteropolitanas podem ser descritas como mais conservadoras quanto ao uso de *cê*. Essa distinção entre falantes dos sexos masculino e feminino fica ainda mais evidente quando esses resultados são exibidos em forma de gráfico, conforme podemos ver no Gráfico 2.

Gráfico 2: Distribuição dos usos de *você* e *cê* na fala soteropolitana de homens e mulheres.



Fonte: Elaborado pela autora

Em relação aos falantes do sexo masculino, resultados semelhantes são vistos em Loregian-Penkal e Menon (2012) e diferentes nos estudos de Rocha (2017), pois, em Vitória da Conquista, as mulheres se mostraram inovadoras nos usos de *cê*, com peso relativo de 0.690.

4.2.1.2. Variáveis não selecionadas pelo GoldVarb X: nível de escolaridade e faixa etária

Segundo Votre (2017, p. 51), a escola tem o papel de “preservadora de formas de prestígio, face à tendência de mudança”. Essa observação valida a interferência da escola na fala e na escrita das pessoas. Porém, com relação aos usos de *você* e *cê* na fala soteropolitana, os resultados demonstram que a escolarização parece não reforçar o uso da forma plena *você*, conforme podemos observar na tabela 4.

Tabela 4: Frequência da variável nível de escolaridade na realização de *VOCE* e *CÊ* na fala soteropolitana.

Nível de escolaridade	VOCE		CÊ		Total
	Nº	%	Nº	%	
Fundamental	30	63,8	17	36,2%	47
Médio	76	58,5	54	41,5%	130

Fonte: Elaborado pela autora.

Como mostramos nos resultados da tabela 4, os falantes de Salvador com os níveis fundamental e médio tendem a usar mais a forma pronominal *você* (63,8% e 58,5%, respectivamente), havendo uma diferença percentual de 5,3% em favor dos soteropolitanos com escolaridade fundamental. Embora a forma *cê* não seja a mais empregada, é interessante notar que essa forma é mais frequente nos dados de indivíduos do ensino médio (41,5%) do que do ensino fundamental (36,2%), o que parece sinalizar que a variante inovadora *cê* não constitui um item estigmatizado e/ou desprestigiado. Essa (não) produtividade das formas *você* e *cê* pode ser relacionada com o princípio da *marcação*, proposto pelo Funcionalismo de base norte-americana, no que concerne ao critério distribuição de frequência de uso. Nesse caso, o pronome *você* é menos marcado do que a forma inovadora *cê* em razão de uma maior frequência de uso entre os falantes soteropolitanos com escolaridade fundamental e média.

Na fala popular de Salvador, conforme indicaremos nos dados da tabela 5, o grupo de fatores faixa etária não se mostra relevante para a variação entre *você* e *cê*, uma vez que falantes das faixas etárias 1 e 4 tendem a empregar mais *você* (58,6 % e 62,3%, respectivamente), havendo uma diferença percentual de 3,7% em favor dos soteropolitanos da faixa 4. Nesse caso, podemos dizer que os falantes de ambas as faixas etárias ainda optam pela variante conservadora *você*.

Tabela 5: Frequência da variável faixa etária para a realização de *você* e *cê* na fala soteropolitana.

Faixa etária	VOCE		CÊ		Total
	Nº	%	Nº	%	
Faixa etária 1 (de 15 a 24 anos)	68	58,6	48	41,4%	116
Faixa etária 4 (acima de 60 anos)	38	62,3	23	37,7%	61

Fonte: Elaborado pela autora.

Resultados semelhantes ao exposto neste estudo também foram encontrados por Rocha (2017) ao analisar a fala de Vitória da Conquista. A esse respeito, o referido autor ainda pontua que “os conquistenses da primeira faixa etária, que, geralmente, são grandes responsáveis pela entrada de formas inovadoras na língua, mantiveram-se conservadores em relação à variação *você/cê*”. Embora seu foco de análise seja a forma *você*, Souza (2008), com base no *corpus* Variação Linguística da Paraíba (VALPB), ressalta que houve uma frequência elevada do uso da forma inovadora *cê* entre os informantes do sexo masculino com mais de 50 anos, o que, nos termos da autora, parece indicar que, entre esses informantes, “está acontecendo uma especialização no uso do *cê*” (SOUSA, 2008, p. 204) na função de sujeito.

5. Considerações finais

Neste artigo, buscamos analisar sob as perspectivas da variação e gramaticalização, os usos do pronome *você* e da forma inovadora *cê*, visando a compreender as motivações linguísticas e sociais que promovem esses usos na fala popular soteropolitana. O aporte teórico-metodológico em que fundamentamos a investigação empreendida foi o Sociofuncionalismo. Nesse caso, estabelecemos um diálogo entre o Funcionalismo de vertente norte-americana, na linha da abordagem clássica da gramaticalização, e a Sociolinguística Variacionista.

Na análise qualitativa, fizemos uma descrição de *você* e *cê*, levando em conta a função sintática de sujeito, a natureza semântico-funcional e o número de sílaba da forma verbal associada aos dois itens examinados. Ao exercerem a função sintática de sujeito, *você* e *cê* ocorreram em posição pré-verbal. Na amostra examinada, só houve um dado de *você* na posição pós-verbal. No que se refere à natureza semântico-funcional, verificamos que *você* e a sua variante *cê* vêm sendo empregadas, na fala soteropolitana, como formas voltadas para um interlocutor específico (com valor determinado) e com sentido genérico (com valor indeterminado). Quanto ao número de sílabas da forma verbal atrelada a *você* e *cê*, os dados demonstram que os falantes de Salvador optam por utilizar *você* com as formas verbais monossílabas, dissílabas, trissílabas ou polissílabas; já em relação a *cê*, observamos que há uma preferência pelos soteropolitanos dos usos das formas verbais monossílabas e dissílabas.

Os resultados quantitativos apresentados na análise geral indicam que: (i) o *você* ainda persiste com grande percentual de uso, embora

tendo como concorrente *cê* em Salvador; (ii) o *cê* é condicionado pela variável sexo: nesse caso, são os homens que se mostram como favorecedores da variante inovadora; (iii) há uma maior frequência de uso da forma *você* entre os soteropolitanos dos níveis fundamental e médio e entre os falantes das faixa etária 1 (de 15 a 24 anos) e 4 (acima de 60 anos).

A pesquisa ainda se encontra em andamento. Esperamos, com a ampliação do número das variáveis linguísticas a serem consideradas na pesquisa, observar maiores condicionadores do uso das formas *você* e *cê* no português popular falado em Salvador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Gramática Pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2012.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 39. ed. ver. E ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BYBEE, Joan; HOPPER, Paul. John. Introduction. In: BYBEE, Joan; HOPPER, Paul. John. (Eds). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. 1. ed., 5. reimp. São Paulo: Contexto, 2019.

_____. Funcionalismo e gramáticas do português brasileiro. In: SOUZA, Edson Rosa de (Org.). *Funcionalismo Linguístico: Novas Tendências Teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 17-42

GÖRSKI, Edair Maria; TAVARES, Maria. Alice. Reflexões teórico-metodológicas a respeito de uma interface sociofuncionalista. *Revista do GELNE-RN*, v. 15, n. 1/2, 16 mar. 2016, p. 79-101.

GUIMARÃES, Tatiane de Araújo Almeida Studart; ARAÚJO, Aluíza Alves; PEREIRA, Maria Lidiane de Souza. Os pronomes *você* (s) e *cê* (s) no falar de Fortaleza-CE. *Macapá*, v. 8, n. 2, p. 75-100, 2º sem. 2018.

HOPPER, Paul Jonh. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT Elizabeth Closs; HEINE, Bernd. (Eds). *Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins, 1991. v. 1. p. 17-35

HOPPER, Paul John; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge University Press, 2003 [1993].

LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 56. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020 [1957].

LOPES, Norma da Silva; SOUZA, Constância Maria Borges; SOUZA Emília Helena Portella Monteiro. *Um estudo da fala popular de Salvador – PEPP*. Quarteto, Salvador, 2009.

LOREGIAN-PENKAL, Loremi; MENON, Odete Pereira da Silva. Você, ocê, cê em Curitiba, Paraná. *Rev. SIGNUM: Estudos da Linguagem*, n. 15/1, p. 223-243, Londrina, jun.2012

FERRARI, Lucia. Almeida. As formas cê(s) e você(s) na fala espontânea do PB: uma análise baseada em corpora. *Domínios de Lingu@gem*, v. 7, n. 2, p. 200-237, 20 dez. 2013.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Mudança Linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

_____; AREAS, Eduardo Kenedy. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, Maria. Angélica; OLIVEIRA, Mariangela. Rios; MARTELOTTA, Mário. Eduardo (Orgs). *Linguística funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola, 2015. p. 11-20

MAY, Guilherme Henrique Discutindo o papel do funcional no sociofuncionalismo. *Work. pap. linguíst.*, p. 69-79, Florianópolis, jul. dez., 2009.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecília. BRAGA, Maria Luiza (Orgs). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 15-26

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001 [1997].

PAIVA, Maria. da Conceição. Da parataxe à hipotaxe: uma trajetória do Português de Contato. *Estudos Linguísticos*, 27. *Anais do Seminário do GEL*, p. 120-9. São José do Rio Preto, 1998.

PERINI, Mario Alberto. *Gramática descritiva do português brasileiro*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2019.

ROCHA, Wesley José Campos. *Você e cê*: um estudo sociofuncional em uma comunidade do Sertão da Ressaca. Dissertação. UESB, Vitória da Conquista, 2017.

SOUSA, Valéria Viana. *Os (des)caminhos do você*: uma análise sobre a variação e mudança na forma, na função e na referência do pronome você. Tese de Doutorado. UFPB, João Pessoa, 2008.

TAVARES, Maria Alice. Funcionalismo e gramáticas do português brasileiro. In: SOUZA, Edson Rosa de (Org). *Funcionalismo Linguístico: Análise e Descrição*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 33- 52

_____. Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística. *Interdisciplinar*. Ed. Esp. ABRALIN/SE, Ano VIII, v. 17, p. 27-48, Itabaiana-SE, jan./jun. 2013.

VITRAL, Lorenzo; RAMOS, Jânia. *Gramaticalização*: uma abordagem formal. Belo Horizonte: Faculdade de Letras FALE/ UFMG, 2006.